

Entre Quatro Paredes: o gênero no fetiche

In the Bedroom: the gender on fetish

Carlos Alberto Severo Garcia Junior¹

Resumo: A proposta do presente artigo consiste em verificar como se configura o gênero no fetiche. Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, partindo da construção histórica da sexualidade, segundo Michel Foucault, da estrutura psicosexual de Sigmund Freud e do gênero caracterizado no fetiche. Diante disso, trabalhou-se a resignificação do gênero, socialmente estabelecido, dentro das práticas das estruturas perversas.

Abstract: The proposal of the present article aimed on verifying how the genders are given and formed based on fetishism. For that, a bibliographical research was accomplished, starting with the historical construction of the sexuality by Michel Foucault, Sigmund Freud's psychosexual structure and the gender characterized in fetish. For that purpose, the resignificance of the gender was studied and socially established inside the practices of the perverse structures.

Palavras-chave: Gênero, Complexo de Édipo, Castração, Fetiche.

Keywords: Gender, Oedipus Complex, Castration, Fetish.

¹ Psicólogo. Pós-graduando em Educação Especial (UFSM). Mestrando em Educação (UFSM). Endereço para correspondência: Rua Henrique Dias 140, apt. 201. Santa Maria-RS, CEP 97010-220.
E-mail: carlosgarciajunior@hotmail.com

Na Grécia questões relacionadas ao Homem começaram a adquirir espaço e reflexão. Os gregos indagavam o sentido e o significado da constituição do ser humano. Desenvolveram a passagem dos mitos para o uso da razão, ou seja, de um tempo remoto e comum para a natureza própria do homem. Deste modo, a vida na *polis* torna o Homem humano. Esta condição somente acontece em grupo. Por isto, o sentido do ser humano é tornar-se: pleno, completo e feliz. Fazer da *polis* um lugar melhor é condição para o exercício de ser cidadão. E, para ser um cidadão é necessário ser bom (ética) e belo (estética). O que define estes critérios são os valores presentes na própria polis. Assim, afirmam os gregos que não somos bons por natureza, isto é, não nascemos humanos, mas nos transformamos humanos.

Segundo Michel Foucault (1988a), na antiguidade grega, a sexualidade não manifestava por uma estrutura rígida. Dentro de uma normalidade concebida na época, o gênero não possuía a mesma concepção de hoje, tanto o masculino quanto o feminino eram estabelecidos não pelo comportamento, mais “delicado” ou “viril”, e sim pelo caráter biológico. O único objetivo era atingir prazer, permitindo o enlace deste com o poder, ou seja, na medida em que avança a conquista deste prazer, alcança-se o poder e vice-versa.

A estrutura perversa do fetichista dá-se devido a sua não aceitação ou a negação acerca do fato de sua mãe ser castrada, já que esse fato remete à possibilidade de sua própria castração, e tal fato causa-lhe muita angústia. Desta forma o fetichista segue relacionando-se de forma parcial com os objetos, segundo Freud (1997).

Somente com o advento do movimento feminista, no século XIX, começa a mudança de concepção quanto à mulher como sendo submissa ao homem, dando lugar a esta nas áreas políticas e sociais. Desta forma, o gênero masculino e o feminino perderam um pouco suas estruturas fixas de comportamento, segundo Strey (2000).

De acordo com o seguinte levantamento bibliográfico, formula-se a tese de que o gênero, entre quatro paredes, dilui-se em sua essência.

Desenvolvimento

Em sua obra “História da Sexualidade: O uso dos prazeres”, Foucault (1988a) considera a sexualidade como estrutura desejante do sujeito, onde este encontra no outro sua preferência como realização do desejo. Este faz sua reflexão acerca da sexualidade na cultura clássica

grega, onde a homossexualidade era uma forma de relacionamento “normal”. Portanto, os amores masculinos foram na cultura grega:

... objeto de toda uma efervescência de pensamentos, de reflexões e discussões a propósito das formas que deveriam tomar ou do valor que se podia reconhecer-lhes. Seria insuficiente ver nessa atividade de discurso apenas a tradução imediata e espontânea de uma prática livre, podendo desse modo expressar-se naturalmente, como se bastasse a um comportamento não ser proibido para constituir-se como domínio de questionamento ou núcleo de preocupações teóricas ou morais. (p. 172).

Atualmente, pensa-se que as práticas de prazer entre dois sujeitos do mesmo sexo, implicam um desejo particular e que isso constitui uma razão para submetê-la a uma moral diferente daquela que é comum a todos. Percebe-se, que há uma singularidade de um desejo que não se dirige ao outro sexo, e ao mesmo tempo afirma-se que não se deve atribuir a esse tipo de relação um valor menor, nem lhe reservar um status particular.

O que está em questão dentro da cultura grega, não é o certo ou errado, mas sim o comportamento dos sujeitos sensíveis aos seus desejos. Pode-se falar também na sua bissexualidade, suas preferências na juventude e inclinações. Assim, convém observar que eles não reconheciam nas mulheres duas espécies de “desejos”, “duas pulsões”, diferentes ou concorrentes, compartilhando o coração dos homens ou seus apetites. Segundo Foucault (1988a), para os gregos, o relevante para que um relacionamento fosse possível, era o fato de uma pessoa ser “bela”, independente de ser homem ou mulher, o importante era o desejo a ser satisfeito, possibilitando a livre escolha e não havendo estereótipos sociais.

Na cultura européia, a moça ou a mulher casada, com sua conduta, sua virtude, sua beleza e sentimentos se tornar-se-ão temas relevantes. Uma nova arte de valorizá-las, uma moral exigente e atenciosa à integridade de seu corpo e à solidez de seu matrimônio, tudo isso voltará para elas curiosidades e desejos. Qualquer que seja a sua posição na família ou na sociedade haverá uma acentuação e valorização do “problema” da mulher. Sua natureza, sua conduta, os sentimentos que ela inspira ou que experimenta, e a relação permitida ou proibida que se possa manter com ela, tornam-se temas de reflexão, de saber e de análise.

Para Foucault no que diz respeito à passividade da mulher:

... ela marca muito bem uma inferioridade de sua natureza e de condição; mas ela não deve ser reprovada como conduta posto que é precisamente, conforme ao que a natureza quis e ao que o status impõe. Em compensação, tudo aquilo que no comportamento sexual poderia acarretar para um homem livre... as marcas da inferioridade, da dominação sofrida, da escravidão aceita, só poderia ser considerada como vergonhoso: e vergonha ainda

maior se ele se presta a ser objeto complacente do prazer do outro. (FOUCAULT, 1988a, p.191).

O Fetiche

Segundo Laplanche e Pontalis (2001), a perversão se dá quando o orgasmo é obtido com outros objetos sexuais, por outras zonas corporais e quando este é subordinado de forma imperiosa a certas condições extrínsecas.

No fetichismo, segundo Jöel Dor (1991), a recusa da realidade baseia-se na ausência de pênis na mãe (na mulher). A recusa da realidade remete-se a algo que evoca uma situação traumática. Deste modo, o indivíduo (criança) não percebe a falta do pênis na mãe, acreditando ver o membro. Somente na castração simbólica é dado este “corte”, surgindo a estrutura neurótica. Porém, dentro da psicopatologia de caráter perverso, o pai não realiza a castração do indivíduo, que desta forma, segue acreditando na não-ausência do pênis, e pode em outro momento reconhecer esta falta e encarar as suas conseqüências perpassando por angústias.

Segundo Freud (1997), a noção de clivagem do Eu consiste em duas atitudes, uma leva em conta a realidade e a outra a nega, dando-se a produção do desejo por um objeto de fetiche, quando ocorre a negação. Estas duas atitudes coexistem lado a lado, não se influenciando.

Assim, os fetichistas podem recusar o fato de que existe a falta do pênis na mulher, ou reconhecê-la e angustiar-se, necessitando criar um fetiche para amenizar a sua angústia e assim relacionar-se com seu objeto sexual. Ocorre o deslocamento da atividade sexual para um objeto de fetiche, exercitando assim sua perversão.

No texto “Esboço da Psicanálise” (1938) Freud diz que a anomalia que se chama fetichismo, quase sempre se verifica com homens, estes têm mais a perder do que as mulheres, pois eles realmente possuem o pênis e crer na falta deste na mãe é muito penoso, porque abre questionamentos para a sua própria castração. Assim, ele trabalha com a possibilidade de recusar a realidade da mãe castrada e atribui significância a alguma outra coisa (fetiche) que elege para exercer o papel do pênis. Ele cria um fetiche para evitar a sua própria castração que consiste seu maior medo.

Já que a mulher supostamente perdeu seu pênis, porém existe a possibilidade de existirem mulheres fetichistas. “A perversão é uma persistência de um ou vários traços da perversão polimorfa da criança...” (DOR, 1991, p.90), então a estrutura normal pode

possibilita uma satisfação sexual perversa. Possivelmente, a fixação do indivíduo perverso se dá na “fase genital” devido à parcialidade do objeto. O fetichista pode relacionar-se com “certa normalidade”, na medida em que pode relacionar-se com sua genitriedade, ou seja, atingir o gozo pela penetração, mas, também, alcançar o orgasmo com objeto elegido. Assim, o fetichista, na sua perversidade, tem suas relações objetais parciais, ora se fundando a normalidade, ora com seu fetiche.

Segundo Lacan, “a mãe aceita a pessoa do pai, que conviria se ocupar, mas da importância que ela dá à sua fala, ainda à sua palavra, à sua autoridade” (LACAN, *Seminaire*² de 22 de janeiro de 1958). Isto é, dá espaço para o pai, o que se pode concluir que a mãe possibilita ou não a presença deste na construção da personalidade da criança. Deste modo, deixando o pai ausente simbolicamente, o que devaneia a uma mãe fálica, pois na medida em que a criança percebe ou não a falta do pênis, poderá “avançar” para uma estrutura perversa, o que caracteriza um fetichista. Portanto, a figura materna é de grande importância e responsabilidade na estruturação psíquica do indivíduo, pois suas atitudes podem construir ou não a individualidade de seu filho, ou seja, a mãe pode impossibilitar que a criança se desvincule de sua imagem, o que de alguma forma é angustiante para a criança, que absorve a parcialidade de seu objeto, não conseguindo introjetar coisas boas e ruins de sua mãe.

O perverso é dominado pela mãe fálica e condena-se por isso, pois na economia de seu desejo, ele se “tortura”, com as mulheres. Ele só consegue visualizar a mulher de duas formas (objetos parciais), e na sua procura inconsciente pela mulher mais apropriada, consegue, ou visualizar uma virgem com “ares” de santinha, ou uma “puta” repulsiva, ou seja, o perverso pode perceber uma mãe fálica, completamente idealizada ou a mulher pode metaforizar a mãe repulsiva.

No caso da idealização, a mulher assume um modelo de ideal feminino e no caso da repulsa à mulher/mãe, o perverso experimenta esta mulher e fantasia esta como uma ferida aberta e repulsiva, que pode mutilar seu pênis, este processo aqui demonstrado remete à obra de Joël Dor, em *Estrutura e Perversões* (1991).

Michel Foucault traça em seu memorável livro “História da sexualidade: a vontade de saber” uma construção histórica que focaliza “os discursos sobre o sexo” (FOUCAULT, 1988b, p.32), dado a partir do século XVIII e do século XIX. Nesta proposta, há um conjunto de perversões sexuais e em torno delas nascem discursos, que avivam a consciência de uma ameaça incessante que constitui estímulo ao se falar de sexo.

² Ainda sem tradução no Brasil.

Segundo Foucault, há três grandes códigos explícitos os quais são regidos por regularidades devido aos costumes e das pressões de opinião, são eles: o direito canônico, a pastoral cristã e a lei civil. Estes códigos reagem à relação matrimonial e dentro dele há leis e o indivíduo que rompe com elas ou que procura prazeres estranhos é condenado, como por exemplo, o estupro, o adultério, o rapto, o incesto espiritual ou carnal.

Para o mencionado autor, a sociedade “burguesa” do século XIX era perversamente explosiva e fragmentada, mas muito, além disso, a sociedade moderna tornou-se perversa, pois leva ou deixa o indivíduo na busca mais ousada de seu bel prazer, atendendo de qualquer maneira a “vontade” de seu objeto de prazer.

No decorrer do texto de Foucault, a história da sexualidade adquire traços e formas, mas não só é exposto um corpo, como também, uma verdade, ou pelo menos, vai-se buscar uma verdade. Neste percurso histórico, o sexo perde certas carapuças que envolvem este tema.

Assim, Fetiche pode ser visto como uma compulsão, um condicionamento aberrante, um exagero ou uma perversão e é compartilhado pela maior parte dos homens. Segundo o DSM-IV, fetichismo é uma “desordem de identidade sexual de gênero” e esta junto com o exibicionismo, pedofilia, sadismo e masoquismo, travestismo, etc.; porém, em sua edição mais recente fetichismo passou de “agindo sob a influência desses ímpetos” para ser entendido como “causando sofrimento ou debilidade clinicamente significativa em atividades sociais, ocupacionais ou outras atividades importantes”.

Para Freud (*apud* Stelle, 1996), fetiche serve de substituto para o pênis da mulher (mãe), o menino acreditava que a mãe era dotada de um falo do qual não desejava abrir mão. A única maneira de o homem adulto superar seu pavor aos verdadeiros órgãos genitais femininos seria dotar a mulher de características que a tornariam toleráveis. Os objetos de fetiche servem para dominação e dessa forma o fetichista pode se proteger contra a castração.

Os homens são mais inclinados a “fetichar”, talvez por terem se separado de suas mães de forma imprópria, ou ainda, por viverem em uma sociedade patriarcal. Um exemplo trazido por Stelle (1996) de que a sociedade influencia os fetichistas é a sociedade Chinesa, que entre suas mulheres é utilizado a prática de amarrar os pés, este seria um semi-fetichismo cultural.

Na literatura erótica chinesa há relatos de homens acariciando, lambendo e beijando pés totalmente atrofiados por causa das amarraduras. A amarração dos pés é um limitador físico para as mulheres e está ligada à subordinação feminina. Para os Chineses era uma forma de preservar a virgindade das mulheres, marca a ociosidade das mesmas e mostra a identidade cultural chinesa.

Na dinastia *Sung* a amarração dos pés era tida como uma maneira de mostrar a virilidade dos homens chineses. A atrofia dos pés por amarração era feita da seguinte forma: os quatro dedos (menores) eram colocados para baixo e o dedão ficava estendido; o ante pé e o calcanhar ficavam juntos e o dedão ia para baixo do osso do calcanhar. De perfil parecia um sapato de saltos altos. A literatura erótica, mencionada acima, diz que o dedão serve como um substituto fálico e a fenda no pé seria usada como uma pseudovagina.

O fetiche também é visto como fantasia. Alguns estereótipos de gênero estão presentes nas fantasias fetichistas, pois a natureza estipulou que o homem é mais agressivo e a mulher mais passiva, porém na sociedade atual os papéis são mutáveis e a mulher começou sua inserção no mercado de trabalho, passou a assumir os gastos da casa, enfim, passou a ter um papel mais ativo dentro da sociedade (embora ainda não seja tão reconhecida). No dia-a-dia estamos sempre oscilando entre o princípio do prazer e da realidade.

No contexto do fetiche convém destacar que alguns materiais e objetos têm o poder de enfeitiçar os fetichistas tais como: couro, pele, seda, borracha, vestidos, aventais, botas, sapatos, roupas íntimas... Tudo isso devido suas características táteis, olfativas, visuais e associações simbólicas que cada um tem. A pele, segundo Freud (*apud* Stelle, 1996), simboliza o pêlo pubiano onde deveria ter um pênis (de acordo com a fantasia do fetichista). Outro material bastante usado por fetichistas é a borracha que é uma gíria norte-americana que significa preservativo, mulheres vestidas de roupas de borracha podem ser vistas pelos fetichistas como um “pênis gigante”. Uma forma mais popular de fetiche sexual são os cosméticos, em especial o batom.

Além disto, imagens pornográficas e a moda dão especial destaque ao sexo e o poder. O fetichismo pode estar ligado à perversão, mas por outro lado não podemos nos esquecer de que ao serem influenciadas pela idealização do sexo com apelos consumistas o desejo de usar moda fetichista pode estar relacionado à necessidade das pessoas de serem ou parecer ser poderosas, dominadoras e sexualmente independentes. Tudo isso para satisfazer os estímulos contínuos de uma sociedade capitalista onde as relações estão em segundo plano, e o que interessa é o que a pessoa pode comprar, ter, parecer e não ser.

Scott (*apud* Strey, 1999) define gênero em duas fases: primeiro fala em gênero como sendo um elemento constitutivo das relações sociais, fundadas sobre diferenças percebidas entre dois sexos, e em segundo como sendo uma forma de notificar às relações de poder.

Também é importante lembrar que os estudos de gêneros significam integrar as mulheres na narrativa histórica, em modificações na matéria-prima da história e em mudanças na concepção de tempo e espaço.

As teorias do patriarcado explicam o processo de subordinação feminina a partir da necessidade de o homem dominar a mulher e essa questão de desigualdade entre homens e mulheres foi muito estudada dando ênfase ao patriarcado.

O feminismo levou à aparição de mudanças conceituais importantes no século XIX (trabalho assalariado, autonomia do indivíduo civil, direito à instrução) e à presença de mulheres no cenário político. Durante esse período houve constantes reformulações e conquistas femininas que se foram plasmando nas condutas individuais e nas coletivas, na legislação, na arte e no pensamento.

O pensamento e a luta pela igualdade para as mulheres se constituem no pilar básico do feminismo. Igualdade não só no sentido jurídico, a qual foi o objetivo primordial durante as primeiras etapas de reivindicação feminista, mas que graças ao desenvolvimento e evolução, tanto no plano conceitual como no plano das mudanças e nos comportamentos foi se transformando a ponto de não se poder afirmar que o discurso feminista contemporâneo seja o mesmo que no começo do século XIX.

Badinter (*apud* Strey, 1999) o patriarcado não designa somente uma forma de família no masculino e na paternidade, mas também toda estrutura social que nasce de um poder do pai. Sendo que para o poder patriarcal ser imposto e perdurado é necessário organizar o poder paterno na família e apoiá-lo numa ideologia que enfatize uma hierarquia externa entre os sexos.

Astelarra (1988) deixa claro que os sistemas patriarcais têm três características comuns, são elas:

- A separação dos sexos (que irá causar a impossibilidade de encontro entre ambos);
- Um estado de guerra entre eles;
- E o ressurgimento do outro feminino no mundo imaginário do homem.

A definição de gênero depende de como a sociedade vê a relação que transforma um macho em um homem e uma fêmea em uma mulher. Portanto, cada cultura tem imagens prevalecentes do que homens e mulheres devem ser. Numa sociedade patriarcal, por exemplo, a autoridade social efetiva sobre as mulheres é exercida através dos papéis de pai e de marido.

Entretanto, Garcia Junior; Medeiros (2007) nos apontam que, na atualidade existe uma encruzilhada na posição masculina marcada por novas representações sociais. “Os homens começaram a recuar seus comandos patriarcais, questionar suas próprias atitudes e duvidar de suas decisões. Em consequência disso, a diferença entre homens e mulheres cada vez mais tem se tornado mínima” (p.166-167).

O Complexo de Édipo

Conforme Blos (1998), a mãe inicialmente é fálica, detentora do falo e que no sentido atividade/passividade, é ativa porque executa os cuidados ao bebê, sendo ela seu objeto amoroso, constituindo o momento homossexual no caso da menina, que terá que trocar de objeto posteriormente.

De acordo com Kusnetzoff (1982), na medida em que ocorre a percepção de que o pai é o detentor do falo, ele herda esse poder atribuído até então à mãe, ocorrendo a bidentificação com a figura paterna no caso do menino e a tomada deste como objeto amoroso no caso da menina.

Segundo Freud (1997), o objeto escolhido pelo fetichista é o substituto do pênis, não de qualquer pênis, mas sim aquele falo que pertencia ao primeiro objeto de amor, ou seja, à mãe e ele ainda concebem como possuindo.

O admitir da mulher como sendo castrada, inclui a figura materna e remete diretamente a possibilidade da sua castração.

O fetichista não vê a mãe como castrada, porque ele não admite a possibilidade da sua castração e assim elege um objeto que irá substituir este falo, sendo protegido então da possibilidade homossexual, tendo em vista que as mulheres, segundo sua concepção, possuem o falo, que é o objeto do fetichismo, assim ele não as repudia.

O fato de repúdio as mulheres pode ser verificado no desenvolvimento no decorrer do desenvolvimento psicosssexual “normal”.

Segundo Blos (1998), ao ser detectada a castração nas mulheres elas são consideradas como inferiores. Neste período os meninos evitam as meninas, constituindo assim um período homossexual no menino, demonstrando a bissexualidade humana enquanto constituição. E, neste período as meninas procuram os meninos, tendo em vista o fato de não ter nada a perder, simbolicamente falando, pois já se concebem como castradas.

A constatação da diferença sexual ocorre por vezes em uma fase de curiosidade sexual infantil. Nesse momento, podem ocorrer repreensões ao invés de orientação, devido ao caráter sexual atribuído a ela. Porém a manifestação possui um caráter de sexualidade e não de sexo, o que em Freud se diferencia.

O caráter sexual só ocorre na fase genital, na qual a libido dirige-se aos órgãos genitais, anterior a esta, como é o caso do momento de curiosidade sexual infantil, é apenas uma descarga pulsional, não possuindo fins sexuais, mas sim fazendo parte do desenvolvimento psicosssexual da criança.

A menina possui como objeto amoroso inicialmente a mãe fálica, após essa constatação da diferença sexual, ela identifica-se com a mãe edípica e elege como objeto amoroso o pai, sendo a descrição acima o esperado em termos de Complexo de Édipo. Ela constata a falta do falo na mãe e esta fica desvalorizada perante a menina, que neste momento executa hostilidade quanto à mãe, conforme Kusnetzoff (1982).

Ainda, conforme o autor acima referido, o menino, pelo medo da castração, pela imaturidade fisiológica e pelo amor ao pai abandona o Édipo, sublimando esse investimento na vida social, entrando no período de latência. O menino foge das meninas posteriormente porque elas são castradas, logo, inferiores e também porque remete a mãe fálica da qual querem fugir. Já a menina entra na latência em virtude à fantasia criada, de ter um filho do pai.

Considerações Finais

O diálogo é essencial para a transformação. A partir da transformação à construção do “novo” é possível. As vicissitudes nascem dos espaços vazios, da falta propriamente dita. Na conjunção entre faltas e desejos aparecem variáveis. A cada questionamento sem resposta torna-se possível arquitetar soluções inovadoras.

Por isto, partindo dos estudos teóricos referidos, pode-se inferir que entre quatro paredes o gênero masculino, pré-estabelecido socialmente pelo homem, cede espaço a uma feminilidade proveniente do desejo inconsciente de passividade. Ora, essa inscrição ocorre através da relação edípica, na qual em um primeiro momento existe uma passividade perante seu primeiro objeto de amor (a mãe).

Nesse contexto, a figura materna, inscrita por uma representação fálica, mantém seu poder, na medida em que é eleito um objeto que substitua o falo em uma mãe igualmente

substituta, ou seja, o gênero dentro do fetiche quebra parâmetros impostos socialmente para homens e mulheres. Esse movimento possibilita que seja desatrelada a pré-condição de masculinidade aos homens e feminilidade as mulheres.

Dentro de gênero, o masculino e o feminino invertem seus papéis sociais, uma vez que na parcialidade de suas visões querem atender a demanda do seu desejo, somente. Na busca do orgasmo através do fetichismo, o homem não se importa com o deslocamento de sua masculinidade, pois a ação do prazer é intensa, assim como o medo da castração.

Entre quatro paredes o homem se despe das carapuças de sua masculinidade, desfazendo-se da relação de poder/ prazer. No cenário fetichista pouco importa a sua posição de gênero, uma vez que o objeto escolhido basta para ministrar o orgasmo, independentemente de que tenha posse dele.

“Prazer e poder não se anulam, mas sim se interrelacionam” (FOUCAULT, 1988b, p.48). Este processo pode ser evidenciado na relação da criança com a mãe, onde esta em um primeiro momento exerce um papel ativo perante o bebê, sendo, portanto uma mãe fálica, detentora do poder, proporcionando a essa criança o prazer devido à fantasia de ser o falo materno. Este modelo de relação é então reproduzido na relação sexual fetichista. Caso a identificação com a mãe fálica não ocorra, esta permanecerá como objeto de amor, portanto, sucessivamente procurada em futuras relações afetivas.

O poder está ligado à atividade, na medida em que a mãe exercendo a função ativa com relação ao bebê é detentora do poder, sendo concebida como fálica. Esta marca se perpetua na constituição fetichista, reproduzindo essa relação na fase adulta, podendo externalizar na relação sexual a postura passiva, a qual não é permitida nos demais contextos.

O fetichista mantém uma postura onipotente devido a sua não castração pelo pai simbólico, ou seja, esse pai não cumpriu a função paterna. Por isso, ele relaciona-se de forma parcial com seus objetos, podendo ser representado por botas, chicotes, meias, etc., obtendo o gozo através da relação com esses objetos. Dessa forma, na estrutura perversa, durante a fase genital a libido que deveria dirigir-se aos órgãos sexuais é desviada para um objeto externo.

Embora, em número reduzido de mulheres fetichistas, pode-se pensar na execução de um papel ativo na relação fetichista, tendo em vista o recebimento desse modelo a partir da relação com a mãe fálica, identificando-se com esta, executando uma postura inversa à esperada socialmente para a mulher.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA. **Manual de diagnóstico e estatística de distúrbios mentais (DSM – IV)**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

ASTELARRA, J. **Feminismo, autoritarismo, democracia**. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1988.

BLOS, P. **Adolescência: uma Interpretação Psicanalítica**. São Paulo: Editora Martins Flores, 1998.

DOR, J. **Estruturas e perversões** (P. C. Ramos, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

FREUD, S. **Sexualidade Infantil**. In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. (Vol. 5, p. 315-343). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Sobre as Teorias Sexuais das crianças**. In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. 9, p. 191-204). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Esboço de psicanálise**. In FREUD, S. Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud (Vol. 23, pp. 165-237). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **O Fetichismo**. Rio de Janeiro: Imago. V. 21. CD-ROM, 1997.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988a.

_____. **História da Sexualidade: o uso dos Prazeres**. (9ª ed.) Rio de Janeiro: Graal, 1988b.

GARCIA JUNIOR, C. A. S., MEDEIROS, M. P. **Masculinidade: uma subversão no contemporâneo?** *Disciplinarum Scientia*. Santa Maria-RS: Centro Universitário Franciscano. v.4, n.1, 155-170, 2007.

KUSNETZOFF, J. C. **Introdução à Psicopatologia Psicanalítica**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

LAPLANCHE, J; PONTALIS, J. **Vocabulário de psicanálise** (P. Tamen, trad.). São Paulo: Martins Fontes, 2001.

STREY, M. N. **Gênero por Escrito: Saúde, Identidade e Trabalho**. Porto Alegre: Edipucrs, 1999.

_____. **Psicologia Social Contemporânea**. (4ª ed.) Petrópolis: Vozes, 2000.

STELLE, V. **Fetice: moda, sexo & poder** (A. A. Jordão, trad.). Rio de Janeiro: Rocco, 1996.